



política organização

GES
PCP

A PROPÓSITO

Baseando-nos na experiência não podemos deixar passar este número do nosso jornal prisional sem que, alguma coisa digamos sobre o aproveitamento das nossas células, nos domínios ou círculos de organização.

E sendo assim, começamos:

De todas as metamorfoses operadas na nossa organização, a última foi em Outubro do ano passado quando da saída para Cabe-Verde dum leva de 78 camaradas e simultaneamente a entrada nesta «Bastilha» de 150 camaradas vindos do continente.

Il consequência dessa metamorfose todos nós a conhecemos, portanto, desnecessário se torna fazer a sua história, pois que dela ficaram os camaradas antigos numa sala, e os novos nos restantes.

Acertados os pontos constituíram-se as células que no presente momento funcionam sob o controle do Secretariado Central.

Acertes as bases do novo período de trabalho e eleito em uma das células o órgão dirigente, todos os camaradas se lançaram ao trabalho.

Uma vez assim e está na posse das suas funções forneceu para todas as células as necessárias instruções para recomençar o trabalho nos mesmos moldes que nós trabalhávamos e trabalhamos, pois estes são a base da última viragem levada a efeito em toda a organização que prisional que se exterior.

Todas as células concordaram, elaboraram programas de trabalho para os respectivos círculos e amoldaram estes às condições sociais de cada sala. Como vemos já lá vão seis meses!

No que concerne ao aproveitamento especialmente na célula H. fazemos uma (?) porque até hoje — salvo o sector sindical — nem uma palavra sequer nos enviou sobre os trabalhos em curso. Terá o círculo de organização daquela

célula trabalhado? Não o sabemos. No entanto, tudo nos leva a crer que pouco têm feito.

Poderá essa célula estar a fazer um esplêndido trabalho, porém nós é que o desconhecemos e estamos por via disso impossibilitados de dizer de qassa justiça ou darmos as necessárias orientações — visto que para tal somos encarregados.

Portanto, urge que os camaradas da célula A, e mui especialmente no domínio Político-Organização nos digam algo do seu trabalho, pois não se compreende que continuemos no mesmo marasmo. Poder-se-á dar o caso do trabalho em curso ser tongo. Nesse caso dividam o plano de trabalhos e mandem-nos as respectivas conclusões; para assim, poderemos dar também um balanço concreto a toda a organização prisional, o que até agora estamos impossibilitados de fazer.

Sobre a célula C. apenas temos a louvar o entusiasmo destes camaradas que é, podemos dizer-lho, sem pejo de errarmos, a célula que até hoje mais tem trabalhado em todos os domínios, é um punhado de camaradas anciosos por saber, sem que nada os obstaculize, enérgicos, activos e com vida própria; eis o principal. Estes sim, estes materializam de facto aquela palavra de ordem por nós defendida «fazer da prisão uma escola». Para estes o nosso apoio.

Esta célula além das constantes renovações que nos seus círculos faz, criou um boletim mensal em cada círculo, alguns até já saíram; estes boletins têm a finalidade de dar à luz, da publicidade de todas as conclusões dos seus trabalhos.

Na célula B. o trabalho da organização tem sido um pouco moroso como tivemos ocasião de ver pelas suas conclusões.

No entanto, mercê dum viragem que se operou nessa célula estamos convictos do seu melhor aproveitamento.

Esperamos, pois, serem levados em conta as falhas por nós apontadas.

NOVOS DE TRABALHO

Ao analisarmos o destino da nossa organização no nosso país, vemos que a crise orgânica e a repressão cada vez se vai tornando mais aguda.

O fascismo tenta a todo o momento a nossa organização gloriosa servindo-se de todos os meios para assim nos desprestigiar. Serão, todavia, baldados, pois que a maioria das células sabe e como tal informada dos seus pontos fracos, ainda no nosso seio para as quais devemos ter a devida atenção.

Um dos pontos mais fracos da nossa organização em não prestarmos a devida atenção aos nossos próprios pontos fracos, visto serem nos domínios de trabalho e de organização mais em contacto com o exterior.

Tempos atrás houve em que a nossa organização sumia só a organização de células e não a prática, porém, a prática tem-nos ensinado que devemos procurar expor.

Toda a nossa actividade deve ser baseada nas células de empresa, mas também nas colectividades: sindicatos, associações de vários níveis, comissões de defesa, grupos de actividade que se encontram no exterior, etc. É necessário que nós devemos ter em conta a prática dando-lhe todo o apoio necessário.

Em todos os pontos da nossa organização devemos ter o cuidado — porém, mais especialmente nos nacionais — de estudar e experimentar para conseguirmos uma melhoria de situação. É necessário afirmarmos pelas palavras de ordem que nos impulsiona, e que deles nos servirmos para nos ligarmos às massas, tirar-lhe todo o partido possível e necessário adaptando-o a formas legais e fazer um trabalho prático.

Teremos de ter em atenção a pouca mentalidade revolucionária das massas e como tal estudarmos processos simples de trabalho e uma linguagem clara e firme.

Continua na pag. 6



Solidariedade



CRÍTICA

QUADROS

do sufocada a
 a Espanha a
 últimos do fascis
 o osário socor.
 ante da solida.
 anti-fascista in
 não se registou, a
 do S.V.I. desem
 idade para assi
 mas e movimenlar
 blica contra as a
 verno Lerroux-Gil
 então fez o S.V.I. com
 amparina do agila
 istencia aos cama.
 para os restituir
 amparina foi le.
 após a revolução
 ram muitos mi.
 de todas as tem
 as.
 resultado dessa
 e se vinha de.
 do grande ni
 ate milite-, o S.
 as prisões de
 as dos que ha
 enções de
 rópzes, viveres,
 e as vítimas
 do fascis
 estavam aban
 donadas e que não era em vão o
 seu sacrificio pela causa da eman
 cipação dos trabalhadores. Isto queria
 dizer ainda que com eles se ache
 vam solidários todos o espanhóis
 que aspiram a uma vida e que a
 sua retenção temporária da lu

Não podíamos deixar que se publicasse o nosso jornal, depois dum longo período de suspensão, sem que apresentásemos nas suas páginas uma curta mas justa crítica a todo o trabalho, levado a cabo nos últimos meses, por toda a organização do S.V.I. existente nesta localidade.

Para que a nossa crítica seja mais ampla e completa teremos que lançar um vago olhar para o que outrora se fez, pondo em paralelo o que hoje se tem feito e continua fazendo.

Não querendo historiar, também não podemos deixar de nos referir a casos que nos interessam conhecer para um melhor esclarecimento e por tanto começemos:

Foi em 22-11-33 que chegou a esta localidade a primeira leva de presos e aqui começou a actividade revolucionária, em todos os sectores da organização, leuada a cabo pelos deportados de Angola.

Após esta outras levadas seguiram tais como as dos presos do "8 de Janeiro" que tiveram lugar em 13 e 28-9-1934 e ainda as dos camaradas de "Piriche" e "caso Moonsanto" no ano de 1935, etc.

Esta série de deportações perfex um total de cerca de 200 presos que, excluindo uma dúzia de entre eles a medida que iam chegando iam ingressando nos vários escalões da organização dedicando-se ao estudo das questões que lhes diziam respeito.

Assim não é difícil de entendermos, que houve camaradas que bastante aproveitaram durante o tempo da sua permanência aqui.

Porém, não nos deve causar repulsa compensar, nas páginas do nosso jornal, que foram as que os des de S.V.I. as que menos fixaram interessar a maioria dos nossos camaradas, não obstante, de entre eles haver alguns que bastante dedicação tinham por ela e bastantes esforços fixaram no sentido de convencer os camaradas a que se dedicassem a par de outros estudos, as questões do S.V.I.

continua na pag. 6

la, havia, infalivelmente, de dar os seus frutos.

14 de Fevereiro de 1936, numa simbólica afirmação política, o povo espanhol manifestou-se abertamente pela Frente Popular e contra o fascismo e, dias depois, todas as vítimas das lutas operárias e anti-fascistas eram restituídas à liberdade.

Não pretendemos com isto que tudo se deve ao S.V.I. Não! Bem longe de nós essa ideia. Porém, o que é bom notar, é que, de todas as organizações que se bateram na luta pela libertação dos presos, o S.V.I. foi uma das que cumpriu bem o seu papel.

Era precisamente aqui que pretendíamos chegar.

Como se explica que o S.V.I. numa situação de semi-legalidade numa região e completamente ilegal noutras, tivesse realizado uma tão grande acção de assistência e movimento tanto a opinião pública?

Em nossa opinião, o bom êxito deve-se em especial à boa organização dos quadros.

Que os nossos camaradas tenham misto e repuliram. Estamos em vésperas de grandes acontecimentos e tudo prova que, agora mais do que nunca, as organizações se devem preparar para cumprir também o seu papel.

Entendemos o que somos e que valemos. A prisão é, até certo ponto, uma amostra do índice do valor da nossa organização e, por isso, temos de consolidar

cont

continuação da pág. 3

Só depois do estimulante fornecido pelos mais dedicados à causa e dos esforços nesse sentido feitos pelos camaradas que então orientaram a organização prisional da Fortaleza, é que se conseguiu sair daquele âmbito acanhado em que nos encontramos e é que vimos os camaradas voltarem com maior afluência para aquele campo tão fértil que é a organização prisional da prática da Solidariedade.

Quando se notava nos outros locais de atividade onde nós criamos os grupos não perderem um momento de estudo e de interesse o que se fazia pelo aproveitamento.

Quando tudo parecia caminhar com regularidade, apesar da falta de que eram as condições, surge a pérfida traição ao caminho então traçada dos nossos queridos camaradas do Verde.

Quando o campo não fica por culpa de aquelas últimas situações e o S. V. I. não foi nem esquecido. A roda continua a girar e estamos no momento de fazer a crítica do S. V. I. e a qual vastíssima tarefa, o melhor da nossa organização está trabalhando para a formação de grupos.

Quando anteriores outras se lhes foram e a termos em conta o que, no presente momento, as condições que compõem os grupos de atividade, se acham por aí fora a criar que os nossos esforços sejam infelizes.

Quando a honraremos como as questões que em "Solidariedade", sucessivamente, são dadas pelos camaradas que não bem a nível do trabalho.

Quando a boa vontade dos camaradas nos com os nossos esforços os achamos dignos de ser, em termos ao mesmo

tempo de que será uma realidade o seu aproveitamento, nestas horas de longo e espinhoso cativo e apontando-os aos camaradas dos outros círculos como um exemplo digno de ser seguido.

Poderemos afirmar que nunca, no período da estadia dos presos em Angola, a organização prisional do S. V. I. se encontrou com tantas trabalhos em curso e à sua disposição como no momento atual.

Têm sido vários e bem coordenados os assuntos abordados. Temos ido desde os escalões internacionais mais até descer aos grupos de base. Temos abordado os problemas mais urgentes do S. V. I. até à minúcia, etc.

Pena é que, para uma melhor atualização dos estudos, estejamos privados de toda a imprensa onde podemos colher dados preciosos; mas, continuamos e continuaremos certos de que as realidades aparecerão de parte de nós e delas fossamos traçar os ensinamentos que as possibilidades nos facultam.

Continuar, pois, é nosso dever.

FRENTE VERMELHA

Continuação da pág. 1

patião, etc. Ele tem também o dever de desmascarar os seus algos publicamente, por intermédio da nossa imprensa, elucidar os trabalhadores de todo o país acerca da exploração de que são vítimas, bem assim os seus camaradas de oficina ou fábrica e ainda das perseguições policiais em determinada localidade, etc.

Outra forma não se compreendia que o Partido Comunista fosse a vanguarda do proletariado.

Das Quilómetros

continuação da pág. 3

bem que forjado à custa de muito trabalho e sacrifício, está longe de corresponder às necessidades da organização portuguesa. É bom, pois, que não esqueçamos isto e que nos compenetrarmos das responsabilidades.

po, com vantez
Já se vê que a população rural de Portugal, fascismo, quanto mais não se

Para levarmos a efeito esse trabalho é necessário conhecer a psicologia dos camponeses da região a que nos dirigimos, porque a psicologia do camponês do norte não é a do Ribatejo ou do Alentejo, e não para podermos ser os verdadeiros condutores de massas, precisamos auscultar-lhes os sentimentos, tocar-lhes nos pontos sensíveis, falar-lhes na sua própria linguagem, estudar as formas de organização a adequar nestas ou naquela região e banir por completo quaisquer resíduos de sectarismo, que por ventura ainda possam existir.

Nos pontos onde o camponês é na sua maioria religioso, não devemos, se as circunstâncias o exigirem, hesitar em os acompanhar nos seus divertimentos religiosos, o essencial é não os deixar à deriva nas mãos do inimigo.

É de todo o que acima ficou exposto o que eu gostaria de ver todos os camaradas convenientemente comprometidos, para que o fascismo rapidamente e agoniante, não possa apoiar-se a esse pilar tão consistente.

Quanto maior for a unidade das massas populares, tanto mais fácil se tornará o derrubamento do fascismo, o maior inimigo do povo.

Novos Métodos de Trabalho

continuação da pág. 2

cair bem no ânimo das mesmas massas, quão-las a conquista das suas primeiras reivindicações fazendas. Deves compreender as formas legais pelas quais esse trabalho deve ser conduzido.

A nós, comunistas, compete proporcionar todos esses meios que se nos oferecem, visto ser aí que se encontram as massas e assim conseguiremos alargar o nosso trabalho e nos apetrechamos para a Revolução.

Camaradas! Através do nosso cativoiro

como fazê-la?

Devemos por intermédio dos militan-
tes das organizações de base fazer despertar a massa heterogênea que sobe a sua influência, esclarecê-la de forma a que ela compreenda o papel que desempenha na sociedade que é explorada, que é discriminada, que não tem possibilidades de se educar, pois que não lhes proporcionam escolas, salários, enfim condições de vida, que se vê impossibilitada de constituir um lar onde possa viver sem a preocupação negra do futuro.

É esta a obra verdadeira aqui, tarefas que tanto pode ser feita por indivíduos como coletivamente e desta forma pode fazer-se legal porque ninguém nos impede de dizer que vivemos mal nem temos necessidade de lhes confessar que somos comunistas nem tampouco é necessário pô-lo para enveredar no caminho das lutas pelas mais nobres e mais aspirações da jovem geração portuguesa.

F. J. e Não Partido

Continuação da pag. 4

girmos todos os esforços para os conduzir ao anti-fascismo.

Para nós jovens, poderemos levar este trabalho avante, sabemos que o Partido nos dá a mão, mas também é necessário que todos os membros dele se convençam que para criar em Portugal uma verdadeira organização de jovens, é preciso lançar mão de uma grande variabilidade de métodos, de trabalho e formas de organização; por tanto, não podemos sequer em aplicar a Federação dos Juventudes, numa forma esquemática, a orgânica do partido, porque de caso contrário, como já vimos, teríamos o tal Partido de Jovens e não uma Federação de Jovens, tal como preconizamos e seguimos a nível geral ultimamente feita.

Diamantino

termo-nos preparado quer na questão cultural quer na orgânica; não há entre nós nenhum camarada, a quem não tenha sido explicado quais são as funções dum célula, dum comité local, regional, etc., como formar um sindicato e qual a sua função, como trabalhar nos sindicatos fascistas. É um nunca acabar o número de questões que têm sido apresentadas e que uma existe, de capital importância para a efectivação da revolução em Portugal, têm sido muito desprezadas. Não sei se com receio de não ser entendido por qualquer outro, se lhe ocorreu a maneira muito grave, e a propósito da mesma.

Alguns camaradas estão muito ao ler estas palavras, e dizem: "tá outro obcecado pelas questões de organização", sim, reconheço que de facto sou obcecado entusiasta pelas questões referentes a essa vasta matéria, mas não é um semi-primitivismo o que me leva a querer conquistar para a revolução portuguesa, bem é preciso reconhecer que não nos dá com mais caridade do que nós não aproveitamos a oportunidade de os nossos camaradas. É aqui donde a camaradagem tem de hoje, fazer o recrutamento de jovens que não-de a primeira mão, do, esmagar os movimentos das cidades.

Todos os camaradas sabem que estão mais o meros, que na empresa, na oficina, etc. Isto de facto é bastante pouco, se tivermos em conta que, se os países alienados não podem fazer nada, os camponeses, o povo não poderá fazer, portanto, é muito mais importante a mente agrária.

Quero dizer que não se pode trabalhar na empresa, na oficina, etc. é o suficiente; e não se pode como abordar os camponeses, que amanhã possam a presa impulsional o trabalho continua na

nas fabricas
nas sociedades de
culturais, etc., em
depende e lutar pelas suas

Não devemos repetir os erros dos jovens alheios à luta, mostrando-se como nós. Pelo contrário, somos nós militantes da organização juvenil, que devemos transportar-nos onde está a juventude. Somos nós que devemos influenciar a a ombreirar-se na luta de classes a lutar pelas suas reivindicações imediatas por formas legais por meios de comissões junto do patronato, das direcções, enfim de todos aqueles que têm nas mãos a chave do seu bem estar. Devemos ter a preocupação de legalizar o nosso trabalho ao máximo, ficando apenas o trabalho ilegal restringido na actividade dos quadros e na distribuição dos órgãos das diversas organizações que promanam a base da nossa organização central.

Não preconizamos como condição principal para a luta a filiação; os nossos objectivos imediatos é abarcar a juventude sob a nossa influência e as nossas palanetas de ordem.

A agitação que antigamente se fazia apelada a massa por meio de panfletos distribuídos nas vias públicas sem desta forma conseguir-nos um controle efectivo das camadas juvenis e que apenas serviam para desperdiçar tempo, energias e militantes, geralmente os mais alienados que se apitavam a encarar de frente os horrores da prisão como positivamente tem acontecido, posto que se corremos as prisões onde se encontram jovens verificamos que o seu encarceramento se deve ao raro na recepção, a campanhas de agitação e consequências das mesmas cujo proveito é quasi nulo.

A nossa agitação deve estar ligada às massas, pois que nada melhor existe para as controlar que a nossa imprensa espalhada no seu seio. Pois

FRENTE ÚNICA

Continuação da pag. 1

antipassivas, começam a ver o único caminho para a sua libertação — a união de todos aqueles que sentem o mesmo peso.

Entre as massas cresce já o descontentamento quer no campo económico, quer no político, ressaltando a forma de greves e outras acções — levantamento dos camponeses da região de Torres Vedras e outras. Já aqui se decaiu facilmente, que a ditadura fascista em vez de ter conquistado as principais massas do proletariado, vai perdendo até os seus antigos partidários.

Infelizmente, ainda são uma minoria os operários que estão convencidos da possibilidade do derrocamento do fascismo, ou melhor, que corroboram com nós, comunistas, numa frente única, quer no campo nacional, quer no internacional. A maioria ainda não tem a consciência destas possibilidades concretas e do caminho pelo qual se derribará a ditadura fascista, deixando-se influenciar pelos seus desejos e abstrahindo-se das realidades, ficando na expectativa — depois nós cá estamos.

O fascismo diz-se defensor de todas as classes e camadas, não obstante, ele não é nem mais nem menos, que a ditadura da grande burguesia. Foi o inevitável choque com a sua base social de massas, desenvolvendo assim as suas contradições de classe los magnates da grande banca agrária e industrial e a maioria esmagadora da população.

Para podermos lutar decisiva e eficazmente contra o fascismo, temos que englobar na luta todos os trabalhadores que pela sua situação económica se viram na necessidade de ingressar nas organizações fascistas, uns e ainda outros pela sua inconsciência de classe. Mas como englobar e abordar estas massas? É certo que as podemos abordar na oficina, fábrica, emfim, no local de trabalho, e também as podemos educar, por intermédio da nossa imprensa, processos educativos e até accionáveis. Mas no momento que passa isso não basta, há que ir mais longe, ingressar nessas organizações como os melhores defensores dos interesses dos nossos irmãos de classe. É aqui que devemos exigir os seus direitos e interesses, combatendo assim directamente o fascismo.

O lugar dos comunistas é onde se encontram os trabalhadores, seja qual for o carácter político da organização, onde elas se encontram. É uma obrigação dos comunistas, assumir os cargos de defesa e de luta, e defendermos os

interesses dos trabalhadores. Procedendo assim, sem estreito contacto com as largas massas, operários e camponeses, não é muito difícil, visto conhecemos de perto as suas necessidades mais vitais, arranjar uma linguagem e palavras de ordem que os satisficam, ou melhor, que os chame à realidade, — sobre a exploração de que são vítimas e das violências e demagogia — unindo a nós, não só os trabalhadores e camponeses anti-fascistas conscientes, mas também, aqueles que ainda partidários do fascismo, se encontram desiludidos com a sua política e procurem a oportunidade para manifestar o seu descontentamento.

Não foi intenção minha focar aqui todos os aspectos da frente única, porque para isso seria preciso um artigo que ocuparia toda a página, prejudicando assim, outros que na mesma terão lugar.

O NOSSO JORNAL

continuação da pag. 1

redacção dizendo não sabem dispor por ordem aquilo que pensam. Pois é, camaradas! é nas aulas que nós podemos, por meio dos exercícios de redacção, acostumar-nos para outros trabalhos mais sérios.

Nesta conformidade pedimos a todos os camaradas que escrevam artigos, sem receio dos erros que passam cometer, pois temos um Secretariado Central que nos corrige todos os erros dos artigos; e, nós depois das excepções que sejam feitas aos nossos artigos podemos melhorá-los no futuro.

Só escrevendo, mal hoje, um pouco melhor amanhã, melhor ainda no outro dia, poderemos adquirir um maior grau de desenvolvimento, e chegará o momento em que já escreveremos com maior facilidade.

Camaradas só procedendo assim, adquiriremos o que nos falta: «facilidade de dizer por escrito aquilo que pensamos».

O camarada que se nos dirige por meio deste artigo não é, como se poderia pensar à primeira vista, representante do Secretariado Central, é um simples elemento da célula B.

No fazer este resumido artigo faço-o única e simplesmente com o fim de estimular aqueles camaradas mais tímidos e de menos iniciativa. Ai fica, pois suficientemente esclarecido o objectivo que eu pretendia atingir.

PREVENINDO

A falta de cuidado com os livros, é a causa da sua deterioração. Assim, chegaram há dias há nossa biblioteca uns livros em péssimo estado, sendo poucas as páginas marcadas a lápis com a unha. Tal situação em nada prejudicada que o necessário que sabiamos os livros. Não temo estragar aquilo que foi na vida.

Seria desnecessário para as colunas de nos com tal prevenção. hecemos a necessidade para que se evite a repetição de descuidos.

Devemos responsabilizar-nos pela sua boa conservação quando deles nos servimos, pois eles são um bem precioso de cultivar.

Instrução continuada tudo quanto sabemos da grande campanha anti-fascista.

A Juventude e a sua Continuação... facilidades para que... pois do seu labor diurno... las nocturnas, melhor... higiénicas nos locais... de clubs operários... sua cota sindical... As massas, desenvolver a sua actividade na imprensa nos sindicatos... como nos sindicatos independentes.

Atos sindicatos, pois, jovens trabalhadores!
Um jovem

Seção Sindical



ANÁLISE CRÍTICA

Hoje, nenhum comu-
nidade a importância
do trabalho sindical, todas sa-
que sem este trabalho não é possível a aglutinação
das massas trabalhadoras; todas reconhecem que é
o elemento sindical quem melhor desbrava o cami-
nho pelo qual se integrará o movimento partidário.
Porém, apesar deste conhecimento generaliza-
do é raro ouvir dizer a alguns camaradas: « o
trabalho sindical é necessário, mas dele se encarre-
gam os militantes sindicais — eu sou militante par-
tidário. Pois bem, se todos reconhecemos que o traba-
lho sindical é necessário e útil ao proletariado, porhamos
relutâncias de parte e prestemos-lhe a atenção devida.
Neste artigo, entramos directamente no assunto que nos surge
neste artigo.

Nesta Fortaleza, o nosso trabalho visa a um fim de
criar militantes aptos a trabalhar em todos os sec-
tores da luta revolucionária.
Com este fim se dividiram as células em círculos
de especialidades, distribuindo os camaradas por eles,
em consideração as necessidades do movimen-
to. Distribuídos assim os camaradas, todos
começaram funcionando com mais ou me-
nos regularidade.
Olhemos agora para os círculos sindicais, visto ser
o trabalho e do aproveitamento dos seus compo-
nentes a que vamos tratar.

Os problemas expostos aos círculos, e que
ainda estão em curso, verificamos que
quando importância e, por isso, de malde ades-
sando interesse, não só nos componentes dos
círculos mas em todos o colectivo.
Em os camaradas mostrado esse interesse no
do tais problemas?
No referente ao círculo da célula C., é indis-
cussível que sim, não só despertam um vivo interesse,
mas há bastante entusiasmo. Podemos dizer, sem
de contradição, que é o círculo que melhor trabalha.
Porém, nos restantes, tudo indica que não é total-
mente assim.
Na A, temos de confessar que, embora os pro-
blemas postos, despertem algum interesse, os estudos
são morosos e o entusiasmo quasi, ou mesmo nulo.

No referente à B, que
é aquela que tem, supomos, o
mais numeroso círculo sindi-
cal, temos igualmente de confessar que nem sempre os pro-
blemas postos conseguem despertar o devido interesse e o en-
tusiasmo desejado em alguns camaradas.

Muitos persistem em não falar nas reuniões, talvez
por receio de não conseguirem expor, com clareza, o que lhes
vai no cérebro, por se lhes afigurarem desnecessário intervir
nas discussões, ou ainda por qualquer outra motivo; o que é cer-
to, é que na maioria dos casos, têm feito apenas corpo presen-
te.

No entanto, estas palavras não significam que esses
camaradas se desinteressem totalmente pelos nossos es-
tudos. Pelo contrario, estamos certos que tais camaradas algo
têm aproveitado e que, amanhã, quando em liberdade, sabem
já como agir face a este ou aquele problema que não seja
muito complicado.

Isto é já alguma coisa. Porém devemos convir
que é ainda muito pouco, face às necessidades do movimen-
to operário.

Todos sabemos que as massas não adquirem os nos-
sos pensamentos, que é preciso talafilhos para que nos com-
preendam, que ao fazê-lo é necessário arranjar formas
simples e assimiláveis; para isso é indispensável a prática de
falar e de escrever; se não tivermos essa prática, estamos
sujeitos a não sermos compreendidos.

Orá é isto que pretendemos fazer compreender aos
citados camaradas, àqueles que, malgrado os nossos esforços,
neste sentido, ainda não conseguem expor em palavras ou
transmitir ao papel o que lhes ocorre ao pensamento.

É preciso que tais camaradas se dediquem um pou-
co mais à prática de exposição; que nas reuniões intervenham
mais amudadadas vezes na discussão, pondo de parte qualquer receio
que a isso se oponha, porque ninguém faz ou diz bem sem pri-
meira ter feito ou dito mal.

Falar ou escrever é como qualquer officio, que só se sabe
depois de praticar; portanto, camaradas, há que praticar para sa-
ber; há que começar dizendo alguma coisa para se chegar a
dizer muito.

E não haja ilusões, sem prática nada se faz, só prati-
cando chegaremos a expor com clareza tudo o que nos ocupa o
pensamento e só assim podemos ser úteis à causa dos
trabalhadores.

na ponta referente aos sindicatos, com o intuito de expôr as condições de vida da juventude numa forma sintética.

Na juventude onde assenta com maior furor a exploração económica de patronato e do fascismo. Assim, nas fábricas, grandes empresas e oficinas, ela trabalha dez e doze horas de fatigante labor, que a maioria das vezes é superior às suas forças, em troca de um mísero salário que não chega para satisfazer, mesmo em parte, a maioria das suas necessidades físicas e intelectuais.

O patronato explora visivelmente esta situação, pois, saindo-lhe a mão de obra muitíssimo mais barata, troca com frequência o braço do adulto pelo do jovem, que é obrigado a um trabalho desproporcional ao seu estado físico.

As empresas, oficinas e todos os demais locais de trabalho são casas anti-higiênicas, sem ar nem luz, sem chuveiros nem refeitórios e sem outras condições higiênicas, onde pairam os germens de doenças que fazem sentir os seus terríveis efeitos, naqueles que aí trabalham.

Qual tem sido o trabalho da juventude nos sindicatos, para a conquista de melhores condições de vida? Está suficientemente provado que a sua actividade tem sido aí tão fraca e tão descorada que se pode considerar quasi nula.

Actualmente, a juventude tem na sua frente um vasto campo de luta, especialmente no âmbito sindical, para conseguir satisfazer as suas mais imediatas reivindicações económicas e ligar a importância que este trabalho carrega.

Um dos seus mais importantes e primordiais trabalhos a realizar é a infiltração nos Sindicatos Nacionais e uma vez aí, agir da forma mais directa e sob as modernas tácticas de luta.

Convém anotar porque motivo se modificou o trabalho para o seio dos Sindicatos Nacionais. Quando da faseção dos Sindicatos Independentes, as organizações sindicais, assim como a maioria da massa proletária, acolheu com razão, desprezo e repugnância, esta manobra fascista acabou por constatar que era mais um obstáculo a destruir.

Após o esmagamento do movimento grevista do "15 de Janeiro", como protesto contra a fascização dos Sindicatos Livres, a massa, apesar de todos os esforços fascistas não se entregou aos S. N. Mas depois, em virtude da sua situação económica e pela medida da sindicalização obrigatória o proletariado foi obrigado, pela força das circunstâncias, a filiar-se nos S. N.

Assim, estando a massa no seio dos fascistas, é aí que a devemos procurar e desenvolver a nossa actividade revolucionária, pois, como muito bem disse o camarada Dimitroff no VII Congresso da I.C., é um dos pontos vulneráveis do fascismo.

Uma vez aí, devemos-nos esforçar por conquistar as reivindicações imediatas da juventude: aumentos de salário, redução de horas de trabalho, salário consoante o trabalho produzido,

Continua na pag. 9

Este conjunto de afinidades económico-sociais, a proletariado constitui um todo homogêneo, conjunto esse que se mantém unido, dada as condições presentes de exploração que os fascistas exploram pelas contradições capitalistas e pelo isolamento económico das camadas trabalhadoras em busca de melhores condições de vida.

A sociedade presente não comporta mais antagonismos e daí o recurso dos potentados da fortuna aos métodos de terror com vistas a manter na mais negra miséria e a servir às escravidões do trabalho — única forma de prolongar mais algum tempo a agonia do odiado regime.

Tudo o organismo social oscila numa convulsão latente que a hora abala os alicerces do capitalismo. Ondas de tempestade da espuma cóberca das águas, levam na cabeleira que assaltantes de espada em mão e pistola à cinta, espólios das condições de vida do povo. E numa linha buca eles vão se torturando, vacando e reduzindo a farrapos todos quantos da traição altra para as suas mãos — os heróis e abraçados aos da almejada justiça.

Os operários lutam e as camadas médias e pequenas da burguesia que a todos vitima o mesmo mal — dão-se as mãos na luta combatendo por toda a parte o mesmo oportunista leão.

Frete única! — Frete única!

Unidade de acção contra o inimigo que nos rouba!

E por sobre o panorama proceloso, no alto das regiões celestiais, se destaca o perfil do velho messias, de barba branca e pelo emugada, com a sacola ao lado, jogado na estrada, de olhos meigos e sorriso amargo, de seus lábios puros as arcaicas profecias de profeta de ilusão:

“Tende a mim filhos de meu pai porque eu vim trazer o reino dos céus.”

Mas, os apêlos do visionário já não encontram eco nas multidões...

A dureza secular da vida como que petrificou as almas tornando-as insensíveis às coisas milagrosas. A realidade contacta com amargor a humanidade. Retorna o seu caminho, tropeça aqui, tropeça ali, ele aí vai de cabeça baixa, a tortuosa estrada da vida, até que, esfaqueado, se esconde...

Na humilde região do seio a cozer a sua amargura e humidade piedosa das suas lágrimas no braço dos anjos celestes.

É que depois da sua primeira vitória sobre a matéria, a dar corpo e forma às relações sociais indesejadas, os caminhos pela via material à realização da vida de terrestre.

A sábia parábola dos sete vimes que nasce melhor com o tempo, é o guia dos escravos de hoje.

Anti-fascistas de todo o mundo: uni-vos!

Kirov